

Carlos Araújo/Divulgação

# Debate sobre a memória no centro do território cultural

**M**ais do que falar sobre prosa e verso, a dupla se autorea vai discutir o quanto memória é território no amalgama cultural dos povos originários do Brasil. O encontro conta com a mediação dos poetas Suzana Vargas e Ramon Nunes Mello. No papo a seguir, Márcia e Daniel festejam o papel demiúrgico da palavra tanto na forma falada quanto na escrita.

**Qual é o lugar poético da palavra e da escrita nos saberes indígenas?**

**MÁRCIA KAMBEBA:** É o território do encantamento, da memória e da ancestralidade. A palavra, antes de ser escrita, é viva: nasce do sopro, do canto, do silêncio, da escuta. Ela carrega o peso do tempo circular, onde o passado, o presente e o futuro caminham juntos como trilhas na floresta. Cada palavra dita por uma anciã ou um pajé é um gesto de cura, é um mapa do mundo e da alma, é reza, é ensinamento. Nos saberes indígenas, a palavra tem corpo. Ela dança nos rituais, desenha-se nos grafismos, ecoa nas narrativas ao redor do fogo e percorre os rios da oralidade com a força de um remo que conduz a canoa do conhecimento. A escrita, por sua vez, quando acolhida, não é para substituir a oralidade, mas para proteger e fortalecer os cantos, os nomes sagrados, as histórias de criação, as memórias de luta e de vida. O lugar poético da palavra e da

escrita, portanto, é esse espaço de encontro entre o visível e o invisível, entre o humano e o não humano, entre o que se fala e o que se cala. É a ponte entre o que se vive e o que se guarda no coração. Ela não é apenas meio de comunicação, mas forma de existência e resistência. Ao escrever, o indígena não apenas registra. Ele evoca, invoca, investe de sentido o mundo e refaz o caminho do pertencimento. Assim, a palavra e a escrita, quando alinhadas aos saberes originários, não são ferramentas, são sementes. Cada uma, ao ser partilhada, pode brotar como floresta.

**DANIEL MUNDURUKU:** O povo indígena é de tradição oral. Todo o sistema pedagógico parte da palavra para ecoar na mente, no corpo e no espírito das crianças. Isso tem a ver com os pequenos ensinamentos diários transmitido pelos pais, pelo exemplo na execução das atividades diárias e pela escuta atenta das histórias narradas ao final



**“A palavra, antes de ser escrita, é viva: nasce do sopro, do canto, do silêncio, da escuta. Cada palavra dita por uma anciã ou um pajé é um gesto de cura”**

do dia. Treinam-se os sentidos para que o corpo esteja sempre em vigilância; treinam-se os corpos para que saibam sobreviver e enfrentar os desafios. Treina-se o espírito fortalecendo-o através das histórias. A palavra escrita é uma ressignificação da palavra falada. Entendemos que ela é importante nos dias atuais porque somos contemporâneos e precisamos aprender os códigos ocidentais.

**Que espaços a literatura indígena galga hoje?**

**MÁRCIA KAMBEBA:** A literatura indígena anda pela cultura literária, por mercados editoriais, por feiras de livros e por festivais internacionais literários. Está nas premiações literárias, nas escolas indígenas e não indígenas, nas universidades nacionais e internacionais, nas bienais de literatura, nas mídias digitais e redes sociais. Está nos prêmios literários de reconhecimento público, nos projetos comunitários e no fortalecimen-

to das línguas indígenas quando os livros são escritos bilíngues (língua indígena e português) ou trilingues (quando trazem uma outra língua, como espanhol ou inglês), está no teatro, música e adaptações audiovisuais, ela está na ABL (a Academia Brasileira de Literatura) e em outras Academias de Letras pelo Brasil, como na Academia Internacional de Literatura Brasileira, nos EUA, da qual sou membro também com outros indígenas juntos. Ela está em muitos espaços e ocupa hoje um mosaico de espaços revelando seu dinamismo, “pluriversidade” e forças para reescrever narrativas, fortalecendo a resistência, a memória e a História.

**DANIEL MUNDURUKU:** Ela é uma produção que começou há pouco menos de 40 anos e já ocupa um lugar de destaque por conta de sua originalidade, criatividade e pertencimento. Ela tem ocupado importante papel na ressignificação da identidade nacio-